



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Isadora Gomes Brandão

ARTE E PERCEPÇÃO:  
FRANS KRAJCBERG E A NATUREZA

Rio de Janeiro  
2012

Isadora Gomes Brandão

ARTE E PERCEPÇÃO:  
FRANS KRAJCBERG E A NATUREZA

Monografia apresentada a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Técnico de Vigilância em Saúde.

Orientador: Felipe Gonçalves Pinto

Co-Orientadora: Verônica de Almeida Soares

Rio de Janeiro

2012

Isadora Gomes Brandão

ARTE E PERCEPÇÃO:  
FRANS KRAJCBERG E A NATUREZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

(Verônica de Almeida Soares LABFORM - EPSJV)

---

(Gladys Miyashiro Miyashiro LAVSA - EPSJV)

---

(Marcio Rolo LABFORM - EPSJV)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, por todo o suporte que me deram para que pudesse chegar até aqui, pela paciência e ajuda na hora de estresse. Agradeço a minha mãe que sempre me ajudou, mesmo não entendendo muito sobre o que era, lia meus textos e comentava comigo. Agradeço ao meu pai pela ajuda e por fazer tudo por mim, ter ido procurar um lugar para fazer um novo pôster pro RAIC pra mim já que o meu teve um problema. Agradeço ao meu irmão pelos momentos de diversão para acalmar o stress assistindo South Park.

Agradeço aos meus orientadores, Verônica de Almeida Soares e Felipe Gonçalves Pinto, pela paciência que tiveram comigo, pela ajuda no desenvolvimento do trabalho pela dedicação e contribuição de maneira singular para que o trabalho se realizasse da melhor forma possível. Agradeço a Verônica por ter me apresentado esse incrível artista Frans Krajcberg quando procurei por ela para decidir meu tema. Agradeço ao Felipe pelo interesse em me ajudar e pelos muitos textos que me deu para ler.

Agradeço à minha banca examinadora pelos direcionamentos concedidos durante a elaboração do trabalho, que me permitiram aperfeiçoar o conhecimento acerca do tema. Agradeço ao Marcio Rolo pela ajuda com suas considerações na minha qualificação do projeto e no RAIC. Agradeço ao PIBIC pelo financiamento do projeto e a EPSJV pela oportunidade de fazer essa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos pelo apoio e força que sempre me motivou a não pirar totalmente e por fim terminar esse trabalho. Agradeço a todos de VISAU 2010 pela companhia nesses três anos todas as manhãs e tardes. Pelas risadas e jogatinas, por saber que eu não era a única passando por isso, por saber que eu não estava sozinha.

Obrigada.

*A natureza são duas,  
Uma,  
Tal qual se sabe a si mesma.  
Outra, a que vemos. Mas vemos?  
Ou é a ilusão das coisas?  
(Carlos Drumont de Andrade)*

## RESUMO

A partir do olhar fenomenológico, esse projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a arte de Frans Krajcberg como possibilidade de representação da vivência do artista e sua preocupação com a preservação do meio ambiente e a necessidade de expor isso ao mundo. O estudo da inter-relação do objeto artístico e percepção analisam a relação do homem contemporâneo com o mundo, que quando entra em contato com a arte enxerga uma nova realidade, onde, possivelmente, altera sua percepção do mundo e do que é natureza. A arte é uma intervenção artificial na natureza, essa intervenção é o papel primordial das artes em geral, pois assim é possível expandir os conceitos de racionalidade da sociedade convencional, levando as pessoas a olhar o mundo de uma nova maneira. A arte, de acordo com o pensamento fenomenológico, é vista como o lugar da manifestação mais íntima do ser humano, onde expõe o que foi adquirido da sua própria vivência, que é o ponto central de qualquer conhecimento. Pela arte o corpo expressa o que vivencia para além dos limites da razão. O artista Frans Krajcberg realiza suas reflexões sobre o papel do homem em relação à preservação da vida, em particular do meio ambiente, a partir do mundo no qual estava imerso, o que possibilitou a criação de suas obras que utiliza como matéria prima raízes, troncos e cipós, transformando-os em testemunho da degradação da natureza pelo homem, e ao mesmo tempo, testemunho da criação de vida onde antes só havia destruição. Para a realização dessa pesquisa foi realizada uma análise bibliográfica, principalmente em livros de Merleau-Ponty e de Frans Krajcberg, e iconográfica, utilizando as esculturas e fotografias de Frans Krajcberg presentes nas séries: *Troncos Escultados*, *Lianas*, *Totens*, *Madeiras Calcinadas*, como esculturas, e nas fotografias das séries: *Naturezas*, *Revoltas*.

Palavras-Chave: arte; natureza; fenomenologia; Krajcberg.

## LISTA ICONOGRÁFICA

Imagem 1	Escultura de Frans Krajcberg da série Lianas, Sem Título .....	21
Imagem 2	Obra de Frans Krajcberg no Jardim Botânico de Curitiba .....	23
Imagem 3	Obra de Frans Krajcberg no Jardim Botânico de Curitiba .....	24
Imagem 4	Obra de Frans Krajcberg, <i>Flor do Manguê</i> .....	25

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. <b>INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY: O HOMEM E A PERCEPÇÃO.....</b>	<b>11</b>
3. FRANS KRAJCBERG: O ARTISTA DA NATUREZA.....	17
4. CONCLUSÃO.....	27
ANEXOS.....	30
REFERÊNCIAS.....	34

## 1. INTRODUÇÃO

O artista Frans Krajcberg cria suas obras a partir de suas reflexões sobre o mundo no qual está imerso, sendo elas testemunho da degradação da natureza pelo homem e da possibilidade de reconstrução do olhar sobre a natureza. Nascido na Polônia, Krajcberg viveu na Europa pós-guerra passando por dificuldades e vendo a destruição do homem pelo homem, o que o fez procurar novas alternativas de vida e de arte no Brasil. Com a vivência da Segunda Guerra Mundial e a vida em várias cidades brasileiras, o cenário da destruição do mundo ao qual ele pertence está presente no seu dia-a-dia, e é onde o artista realiza reflexões sobre a relação natureza-homem, sobre o papel do homem em relação à preservação da vida, em particular do meio ambiente. A partir de reflexões sobre o mundo no qual está imerso, transcreve em suas obras sua insatisfação com a sociedade utilizando-se, para isso, de restos de raízes, troncos e cipós.

A imagem passa a não ter dissociação entre ela e aquilo de que ela é imagem. Os troncos e objetos encontrados na natureza por Frans Krajcberg tornam-se elementos que representam a própria vivência do artista e a sua relação com o meio ambiente, ele retira algo do mundo que permite, a partir desse algo, descrever algo que já existe, mas que passa despercebido, transformando-os em obras-manifestos, sendo elas testemunho da ambigüidade do homem em relação à natureza: degradação e vida. Para se analisar a relação do artista com o mundo, será utilizada a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, para apontar a relação da produção dos objetos, a relação da mente e do corpo do artista podem ser vistas como meios de expressão da experiência do artista, que o diferencia dos outros homens.

Durante a primeira parte do século XX, houve uma crise das ciências, a concepção de realidade estava ligada à ciência, pois só seria possível conhecê-la a partir da razão e dominá-la pro meio de progressos técnicos. A ciência libertaria a humanidade do conhecimento baseado na subjetividade dos filósofos, pois, a partir da técnica, haveria um método de assegurar a verdade de forma objetiva. Em meio à autonomia da ciência e o declínio da filosofia, em 1937, Edmund Husserl escreve o texto “Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental”, onde diz que a abstração operada pela ciência moderna resultou no ocultamento do mundo vivido. A ciência, separando-se da filosofia, onde se encontra a sua origem, gera uma incapacidade de responder sobre o sentido da própria verdade (VALENTINI, 1984). Diante disso é que surge a ideia de fenomenologia, a necessidade de compreender o mundo em que se vive e o mundo das essências é o que move

o pensamento de Husserl e dos outros pensadores da fenomenologia que apareceram, tal como Maurice Merleau-Ponty.

Segundo o filósofo Martin Heidegger a palavra fenomenologia é formada pelo composto das palavras gregas *phainomenon*, que deriva, por sua vez, do verbo *phainomai* (mostrar-se, aparecer), ou seja, aquilo que é evidente, aquilo que se mostra. Assim, fenomenologia seria o estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que surge à consciência, daquilo que é dado. A fenomenologia fala da arte como o contraponto à ciência, entendida na sua forma tradicional. A arte é vista como o lugar da manifestação mais íntima do ser humano com a experiência vivida, que é para eles o ponto central de qualquer conhecimento. Pela arte, o corpo expressa o que vivencia antes de qualquer determinação filosófica ou científica.

Várias perguntas surgem ao pensarmos a relação entre arte e natureza na obra de Frans Krajcberg. Que caminhos escolher para compreender de que maneiras, no horizonte deste artista e pensador, a arte pode contribuir para o homem repensar sua relação com a natureza e com a sua preservação, que em nosso tempo está tão fragilizada e problemática?

O estudo da inter-relação objeto e percepção deve ter em conta a relação do homem contemporâneo com o mundo, que sob a intervenção da arte torna visível seu sentido constitutivo. A partir disso investigaremos o que seria “o retorno às coisas mesmas”, para questionarmos os caminhos de transformação da relação do homem com o mundo, proposta central à fenomenologia já desde Husserl. O homem contemporâneo possui uma relação com o meio ambiente de exploração maciça, e Frans Krajcberg se mostra contra essa relação e tenta expor em suas obras um novo olhar perante o mundo e os objetos que o constituem, tentando mostrar a sociedade que há uma necessidade de conscientização da preservação do meio ambiente. Nessa perspectiva, falar de conscientização ambiental por meio da arte só é possível quando o artista oferece ao mundo uma nova percepção de natureza guiada pelo próprio ente natural no seio da tensão entre natureza e homem. A arte é uma intervenção artificial na natureza, que é o natural com intervenção humana. Essa intervenção é o papel primordial da arte em geral, pois assim é possível expandir os conceitos de racionalidade da sociedade convencional, levando as pessoas a olhar o mundo de uma nova maneira.

A escolha da obra artística de Frans Krajcberg deve-se à ligação do artista com o Brasil onde vive e vem construindo sua poética dos vestígios. A sua preocupação com a conscientização ambiental, em especial com a Floresta Amazônica e a articulação da teoria filosófica de fenomenologia e suas obras reafirmam a relevância da investigação.

Nos capítulos seguintes, será apresentado o artista Frans Krajcberg e suas obras. A visão fenomenológica será utilizada para direcionar e orientar a interpretação das obras de Frans Krcajcberg. A “redução fenomenológica” será o meio de orientação para compreender o motivo da utilização dos objetos nas obras, como a utilização da natureza destruída pelo homem representaria a essência do objeto. O artista passa não ser um ser solitário, fora do mundo, mas sim um ser social que busca exprimir seu modelo de estar no mundo na companhia dos outros seres humanos, num embate contínuo com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo, e essa relação torna-se a motivação para a execução de suas obras.

O artista utiliza os objetos da natureza para falar da natureza, expressando a transformação a partir da criação. As obras que serão trabalhadas estão presentes nas esculturas das séries *Troncos Escultados*, *Lianas*, *Totens*, *Madeiras Calcinadas* e nas fotografias das séries *Naturezas*, *Revoltas*.

Essas séries foram selecionadas porque são as que “melhor representam” o objetivo do trabalho que busca evidenciar a indignação, e a ação estética, mostrando como o artista reconstrói a natureza, utilizando-se da mesma para expressar a potência de vida da natureza mediada pelo gesto artístico do homem.

No primeiro capítulo desse trabalho será apresentado o que se entende por fenomenologia de acordo com o filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) onde relacionará a filosofia com a visão arte. Os principais filósofos da Fenomenologia foram Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, que defendiam a necessidade de encontrar caminhos para o conhecimento que superassem a “coisificação” do mundo, característica do pensamento metafísico e da ciência tradicional. Nesse sentido, a fenomenologia passa a ser o estudo das essências, da caracterização, apresentando o conhecimento do mundo como algo que seria adquirido da sua própria vivência, tomando o fazer artístico como espaço de uma outra relação do homem com o mundo, relação essa entendida na fenomenologia como indissociável.

## **2. INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY: O HOMEM E A PERCEPÇÃO**

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) estudou filosofia na École Normale Supérieure (ENS) na França no final dos anos 1920. Dentre seus professores estavam alguns dos filósofos franceses mais conhecidos da época, como Léon Brunschvicg e Georges Gurvitch, tendo aulas sobre a história da filosofia ocidental. Um dos debates que mais interessava Merleau-Ponty era sobre a mente e a consciência, e após se graduar, fez uma pesquisa de um ano sobre a percepção.

A principal influência dos estudos do filósofo sobre a relação do homem com a percepção veio da escola de Psicologia da Forma (Gestalt), que tratava como uma hipótese psicológica a ideia de que as percepções não estariam ligadas às sensações e sim, da relação da percepção com o todo, com o espaço em que o ser está inserido. A percepção seria o observável, o que é percebido a partir da contemplação do sujeito pelo objeto de várias maneiras, a partir dela seria possível ter ideias sensíveis do mundo percebido, sendo uma realidade material daquilo que com suas qualidades possui sentido para o indivíduo que observa. Qualidades estas que aqui podem ser vistas como aquilo que caracteriza o objeto. A sensação é aquilo que possibilita as qualidades exteriores e interiores, exteriores associada às qualidades puras e diretas dos objetos que compõem o espaço. Qualidades puras e diretas seriam aquilo que se percebe pelo olhar, aquilo que se percebe primeiro. E qualidades interiores ligadas às coisas sensíveis em nosso corpo ou mente.

Seguindo essa lógica, a sensação pode ser analisada como uma reação momentânea a um estímulo externo, sendo impossível distinguir o estímulo exterior do sentimento interior, ou seja, a percepção não poderia ser analisada como algo diferente das sensações, pois ela acaba sendo um conjunto de sensações, um conjunto de reações do ser com o mundo em que está situado. A percepção, portanto, está ligada à vivência corporal. A situação do observador é tão importante quanto à do objeto percebido, pois este só possui sentido, pois está fazendo parte do mundo e da experiência daquele que observa.

Comecei a refletir, minha reflexão é reflexão sobre o irrefletido, ela não pode se ignorar a si mesma como acontecimento, desde então ela aparece como uma verdadeira criação, como uma troca de estrutura da consciência, e cabe-lhe

reconhecer aquém de suas próprias operações o mundo que é dado ao sujeito porque o sujeito é dado a si mesmo. (MERLEAU-PONTY. pg, 8. 1945).

Nos anos 30, surgem outras influências no pensamento de Merleau-Ponty. Em uma palestra de Alexandre Kojève sobre o livro *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, em que se apresentava reflexões sobre a existência do sujeito e dos objetos em relação a percepção. De acordo com o livro *Fenomenologia do Espírito*, o sujeito só existe porque pratica o ato de pensar, reflete sobre o mundo ao seu redor. E o objeto só existe porque é pensado pelo sujeito, retomando a ideia de percepção como forma de relacionar o sujeito com o mundo exterior. O homem estaria inserido como sujeito ativo. Sendo possível dar as coisas percebidas novos valores e sentidos, o corpo estabelece uma percepção formada pela comunicação corporal do sujeito ente objeto, sendo este sujeito também um objeto para outro semelhante a ele, onde há uma interpretação do mundo inserido, sendo assim, o objeto depende do modo como o sujeito o representa. Para o sujeito, o objeto seria tudo aquilo que poderia ser manipulado, e quando o homem percebe que ele pode ser manipulado por outro toma consciência-de-si, podendo então realmente tomar consciência do mundo no qual está inserido e, com isso, ter a percepção de que ele é o que é porque outro o pensa, eu – singular eleva-se à universalidade, passando a ser um ser mutável e presente no mundo como objeto e sujeito. Portanto, os seres humanos são tanto objetos como sujeitos, incorporados e reagindo a influências sofridas por tudo o que está ao seu redor.

O homem é consciência – de - si. É consciência de si, consciente da sua realidade e da sua dignidade humana. É nisso que difere essencialmente do animal, que não ultrapassa o simples sentido de si. O homem toma consciência de si no momento em que – pela primeira vez - diz “Eu”. Compreender o homem pela compreensão de sua origem é, portanto, compreender a origem do eu revelado pela palavra ( KOJÉVE. 2002).

A ciência, para Merleau-Ponty, manipulava as coisas dando definições que permitiam as transformações dos seres e dos objetos. Parte, então, de um ponto que para o filósofo seria equivocado, parte do pensamento de que há um mundo objetivo, onde a experiência do homem é o resultado dos efeitos causados por outros objetos. O equívoco que aí se encontra está em não pensar que o sentido dessa visão “objetivista” só poderia derivar da própria experiência do homem, visto que os cientistas são seres humanos que possuem suas próprias experiências do mundo e juntam essas visões subjetivas para criar entre eles uma visão objetiva, o que transformaria a realidade descrita em uma realidade que leva em conta a experiência, pois esta é anterior a qualquer teoria científica que tente explica-lá.

As perspectivas científicas segundo as quais sou um momento de mundo são sempre ingênuas e hipócritas, porque subtende, sem menciona-la, esta outra perspectiva, A da consciência, pela qual primeiramente um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim. Retornar as coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre (...). (MERLEAU-PONTY, pg.7, 1945).

Em meio a esse pensamento de percepção e consciência, surge o argumento no qual Maurice Merleau-Ponty se fundamenta, de que para se entender o mundo em que se vive e o mundo das essências é necessário o “retorno às coisas mesmas”, colocando em suspensão as teorias científicas e dando atenção à descrição tomada pela experiência concreta, surgindo então, a fenomenologia. A palavra fenomenologia é formada pelo composto das palavras gregas *phainomenon*, cuja deriva do verbo *phainestai*, ou seja, aquilo que é evidente, aquilo que se mostra. Assim, fenomenologia seria o estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que surge à consciência, daquilo que é dado. O mundo sensível e o mundo concreto estariam interagindo a partir da consciência tomada pelo eu. Essa consciência está ligada a percepção do mundo, sendo uma consciência intencional, que está sempre voltada para algo ou ao objeto com alguma descrição particular, assim uma parte importante da fenomenologia é o estudo das diferentes modos de consciência, pois esta tem diferentes relações com os objetos observados.

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua “*facticidade*” (MERLEAU-PONTY. p.5, 1945).

A fenomenologia dizia que a ciência precisa ser entendida com base na experiência humana, não apenas na experiência científica. As próprias matemáticas seriam realizações humanas que se praticam com propósitos humanos específicos. Não teria razão pensar que a realidade só pode ser descrita de forma mais fiel a partir de métodos científicos, é necessário que haja uma relação entre a experiência humana e o método científico. O mundo e os indivíduos que ali estão inseridos se correlacionam e para o que seria a realidade é preciso voltar à pedra basal, à experiência humana direta, pondo de lado as relações de conhecimentos anteriores. Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) entendia a fenomenologia como “uma maneira ou estilo de pensar”, o homem passaria a ser o centro de referência pois o mundo seria tal como é porque assim é visto por ele, explicando não o que ele é mas sim o que o forma.

Sou não “um ser vivente” ou mesmo “um homem” ou mesmo uma consciência”, com todos os caracteres que a zoologia, anatomia social ou a psicologia indutiva reconhecem nestes produtos da natureza ou da história, sou a fonte absoluta, minha existência não provém de meus antecedentes, de meu meio físico ou social, ela se dirige a eles e os sustenta, porque sou eu que faço ser para mim (logo ser no único sentido que a palavra possa ter para mim) esta tradição que escolhi tomar ou este horizonte cuja distância até mim se desmoronaria, pois ela não lhe pertencia como sua propriedade, se eu não estivesse lá para percorrê-la com o olhar.” (MERLEAU-PONTY. p.6/7, 1945).

Maurice Merleau-Ponty escreve em seu livro *Fenomenologia da Percepção* que para se analisar a realidade é necessário utilizar-se da “redução fenomenológica” para alcançar um retorno “às coisas mesmas”, permitindo a explicitação da relação do homem com o mundo tal como ela é. A relação do mundo, a partir das perspectivas científicas, transforma o homem em algo presencial no momento, mas quando se tem consciência de que o mundo se dispõe para o homem e existe porque ele o pensa é possível ter o “retorno às coisas mesmas”, o mundo seria percebido distintamente das informações apreendidas pela ciência. A realidade da percepção estaria fundamentada nas relações com o espaço, o real passa a ser pensado como aquilo que é descrito relacionado com o momento em que se vive, o corpo passa a ser chave principal para se compreender o que seria o real.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela esta pressuposta por eles. O mundo não é um objeto no qual possuo em meu intimo a lei de constituição, ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” somente o “homem interior”, ou mais precisamente, não há homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. (MERLEAU-PONTY, pg. 9. 1945).

E seguindo esse raciocínio, a arte seria uma maneira de representar essa relação do homem com a percepção do mundo sinalizada por Merleau-Ponty. A arte seria a o lugar da manifestação mais íntimo do ser humano, onde a experiência vivida seria exposta sem se relacionar com teorias de significações dos objetos, sem se relacionar com as funções dadas aqueles objetos. O corpo do artista coloca em sua obra o mundo tal como ele observa o que, para a fenomenologia, é o ponto central de qualquer conhecimento, o retorno à pedra basal. Pela arte, o corpo expressa o que vivencia antes de qualquer determinação filosófica ou científica. O artista não estaria, enquanto sujeito, fora do tempo e do espaço e sim despreendido dos laços que o prendem ao mundo sensível para poder assim reaprender a olhar o mundo.

A animação do corpo não é a junção, uma contra a outra, de suas partes – nem, aliás, a descida, no autômato, de um espírito vindo de outro lugar, o que ainda suporia que

o próprio corpo é sem interior e sem “si”. Um corpo humano aí está quando, entre vidente e visível, entre tateante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão, faz-se uma espécie de recruzamento, quando se acende a centelha do senciente-sensível, quando esse fogo que não mais cessará de arder pega, até que tal acidente do corpo desfaça aquilo que nenhum acidente teria bastado para fazer. (MERLEAU-PONTY. 2004).

Sendo o real aquilo que se tem pela a experiência, o corpo passa a ser o tradutor daquilo que se tem como experiência, o que o artista guarda para si como real é trasposto pelo corpo em suas obras. O corpo do artista passa a ser a sua ferramenta para demonstrar o que restou do visível, sendo o veículo de tradução e participação na execução de um trabalho. É tradução porque é a partir do corpo e dos sentidos que o artista sente o mundo. É participação porque ao mesmo tempo em que se observa o redor, pode observar a si mesmo e reconhecer que está presente naquele espaço.

Merleau-Ponty diz que há um enigma residente no corpo, ele é ao mesmo tempo vidente e visível, sendo aquele que vê o corpo também vê o próprio corpo tal como aquele que por ele é observado. O visível instiga a visão, o olhar tateia a obra, o corpo do artista toca a obra e a obra o toca, havendo uma transferência de sensações, e quando aproximados o corpo presente no mundo sensível, no mundo em que está presente, encontra no exterior o interior e no interior o exterior, o objeto se torna parte do corpo do artista e vice-versa. “As coisas e meu corpo são feitos do mesmo estofa” (Merleau-Ponty), os elementos presentes na atmosfera do artista, tal como luz, calor, profundidade são absorvidos e o pintor na sua prática expõe essa inter-relação do próprio corpo com o corpo observado, como se a visão ultrapassasse as barreiras impostas pelas superfícies, representando o que lhe é sensível. O artista e a obra se constituem nesse momento de criação, do mesmo elemento. Além disso, há, juntamente com a visão, a experiência retirada pela percepção.

Frans Krajcberg é um artista que utiliza da percepção do mundo em que está inserido para expor sua experiência para suas obras. O que o artista passou durante a sua vida no mundo em que esta inserido, é guardado em sua memória e quando se há esse contato com o corpo observado e o encontro de sua essência, essa experiência é trazida á tona, o corpo, através da arte, expressa os sentimentos que foram guardados. A arte passa a ser um local de expressão onde os elementos que a formam não estão ligados diretamente aos seus reais significados, mas sim a um conjunto de significações que são geradas pelo artista, onde a mente e o universo se encontram, a visão do artista não seria mais um olhar sobre o exterior, a visão do pintor passa a ter uma mensagem própria. A arte, como ocorre no caso de Frans

Krajcberg, passa a não ser vista como construção nem objeto de comércio, a arte se torna um grito do artista, um local onde há liberdade para demonstrar o que se passa no corpo e na mente do artista. No próximo capítulo veremos como a arte se tornou o meio do artista expressar sua vivência e para, além disso, serão feitas algumas leituras de imagens de algumas obras de Frans Krajcberg.

### 3. FRANS KRAJCBERG: O ARTISTA DA NATUREZA

A palavra “arte” é uma derivação da palavra latina “ars”, correspondente ao grego “*tékhnē*”. O filósofo Aristóteles se referia ao que entendemos hoje por arte como “*póiesis*”, cujo significado era semelhante à *tékhnē*, que podem ser traduzidos como criação, fabricação ou produção de algo. A arte, no sentido amplo, significa o meio de fazer ou produzir alguma coisa. Entretanto é necessário dizer que a arte não seria apenas uma representação de alguma realidade preexistente, e sim uma criação do artista, onde este cria um “mundo” conforme a concepção criada por seres humanos para satisfazer as necessidades da ciência e do convívio social.

A arte não precisa chocar, e sim acompanhar a evolução do homem, das questões que nos cercam. Se ela não se preocupa em acompanhar o homem, está apenas servindo ao comércio. Meu desejo, porém, sempre foi fugir do homem. Eu não suportava mais viver depois da guerra. Foi muito brutal para mim. Fiquei sozinho no mundo. Toda a minha família foi morta. Não tenho parente, não tenho ninguém. Como oficial do Exército, lutei durante quatro anos e meio. Quando cheguei à Polônia com o Exército russo, libertei um campo de concentração cheio de húngaros. Entrando no campo, vi três montanhas de lixo: eram homens empilhados para serem queimados no crematório. Depois, viajando pela Amazônia no alto rio Juruena, no Mato Grosso, observei nuvens de urubus. Aproximei-me com o barco, entrei na floresta, fechei os olhos e fiz uma foto. Eu jamais havia visto cena tão bárbara: seis índios pendurados numa árvore, com centenas de urubus ao redor. Fiz a foto com os olhos fechados. Então, com tudo isso que aconteceu diante de mim, que tipo de arte me resta fazer? Pintar flores para senhoras? Ou mostrar essa barbaridade, essa destruição, de modo a alertar sobre a salvação de uma floresta, a Amazônia, de que o planeta tanto precisa? Ela está sendo destruída como fizeram com a Mata Atlântica. (KRAJCBERG, F. em entrevista<sup>1</sup>)

De acordo com Maurice Merleau-Ponty a arte é vista como o lugar da manifestação mais íntima do ser humano com a participação da experiência vivida pelo artista, Frans Krajcberg expõe em suas obras sua visão do mundo, seus sentimentos e experiências vividas. Pela arte o corpo expressa o que vivencia antes de qualquer determinação filosófica ou científica. O artista não estaria, enquanto sujeito, fora do tempo e do espaço, e sim desprendido dos laços que o prendem ao mundo sensível para poder assim reaprender a olhar o mundo. Esse desprendimento do laço com o mundo sensível significa que o artista, ao contrário das outras pessoas, ao se relacionar com o mundo ao seu redor, tem a possibilidade

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada por Felipe Milanez e Ronaldo Ribeiro em 2009 publicada no site <<http://planetasustentavel.abril.com.br>>

de manipular os objetos presentes em seu espaço para que seu corpo, sendo fonte de captação das sensações e lembranças sobre o que ocorreu durante a vida do artista, conseguia expor em suas obras sua reflexão do mundo, tal situação é possível ser observada em Frans Krajcberg.

Frans Krajcberg nasceu em Kozienice, na Polônia em 12 de abril de 1921, seu pai era comerciante e sua mãe militante comunista. Em 1939 a Alemanha invade a Polônia, quando inicia a Segunda Guerra Mundial. Nessa época Krajcberg estava estudando engenharia hidráulica na Rússia. Porém em 1941, a URSS é invadida pelos alemães e, abandonando os estudos, incorpora-se ao exército polonês. Após quatro anos servindo ao exército, volta para a cidade em que morava em busca de sua família, porém não consegue encontrar seus pais e seus três irmãos porque eles foram presos e mortos durante a guerra junto com milhões de judeus nos campos de concentração nazistas. A guerra deixou nele uma tristeza que não poderia ser esquecida facilmente, a necessidade de largar os estudos e a perda da sua família foram coisas que ele guardou na memória e mudou sua visão do mundo, mudou a visão do próprio homem, ele presenciou a destruição do homem pelo homem.

Cheguei a visitar o campo de concentração e tentar reconstruir o que aconteceu durante aqueles dias, mas não consegui ir muito além do fato de que eles morreram. O que mais me agonia é que não consigo lembrar do rosto de minha mãe. (VENTRELLA, Roseli e BORTOLOZZO, Silvia. pg, 22. 2006).

Entre os anos de 1945 e 1947, Krajcberg viveu na Alemanha e ingressou na Academia de Belas-Artes de Stuttgart, onde teve aulas com o artista Willi Baumeister que o fez se interessar pela arte expressionista, que se caracterizava como arte de protesto e que exprimia em suas linhas retorcidas o sofrimento do ser humano, algo que pra Krajcberg simbolizava as tristezas que a guerra lhe causara. A destruição causada pela guerra era algo que Krajcberg deseja esquecer, a procura de novas alternativas de vida e de arte faz com que ele escolha o Brasil como seu próximo destino. A natureza torna-se para ele um refugio, um local onde poderia se distanciar da destruição dos seres humanos.

Quando chegou ao Brasil em 1948, Krajcberg não conhecia ninguém, não possuía dinheiro e nem falava português, e devido a isso procurou formas de sobreviver nesse novo país passando pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Em 1950 decide isolar-se no interior das matas paranaenses, a floresta era vista pelo artista como local de refúgio da destruição que envolvia o ambiente urbano, Krajcberg acreditava que ao se transferir para as matas conseguiria escapar do ambiente de destruição, entretanto nesse novo espaço encontrou uma nova forma de destruição, a do meio ambiente. Deparou com inúmeras queimadas em

grande parte das áreas florestais. O cenário de destruição fez com que o artista relembra-se da época da guerra, os troncos queimados e distorcidos no chão lembravam os corpos carbonizados. A destruição, não mais do homem pelo homem, mas sim da natureza pelo homem, causou nele um sentimento de tristeza muito forte, a ideia de que essa destruição só acontecia nas guerras era rompida naquele momento, agora ele via que a guerra não era o único meio de acabar com a vida, o ser humano destruía a vida em todas as partes. É na arte que Krajcberg realiza reflexões sobre a relação natureza-homem, sobre o papel do homem em relação à preservação da vida, em particular do meio ambiente, tentando mostrar a necessidade de uma conscientização sobre a importância do equilíbrio ecológico.

Mas o que seria esse meio ambiente que Frans Krajcberg tanto fala e defende? Meio ambiente seria o conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage (LIMA e SILVA, 1999). Meio ambiente no sentido de ecossistema é um conjunto de realidades ambientais, considerando a diversidade do lugar e a sua complexidade. Além disso, o meio ambiente pode ser analisado como lugar onde se vive. Portanto, o meio ambiente seria tudo aquilo que compõe o espaço, o natural com participação do homem, um local a ser apreciado pela suas belezas naturais, respeitado e preservado. De acordo com as teorias da biologia do surgimento do ser humano no planeta, a natureza pode ser pensada como fonte de onde surgiu o ser humano e é nela que há a maior fonte de matéria-prima, algo que nos dias atuais é essencial para o homem. Porém a utilização dessa matéria-prima não deve ser feita de qualquer maneira, a natureza está presente para ajudar o ser humano e não deve ser destruída para suprir com as necessidades exageradas do homem moderno e, a partir da análise de entrevistas lidas, é isso que aflige Frans Krajcberg.

O contato com a exploração da natureza pelo ser humano é o que move a luta do artista, sua revolta e a busca pela reaproximação do homem com as questões ambientais é o que ele tenta expor para o mundo. Em 1978, Frans Krajcberg viaja ao Rio Negro com outro artista plástico Pierre Restany e o crítico de arte Pierre Restany, e lá, deparando com a destruição da natureza, escrevem o “Manifesto do Naturalismo Integral” ou “Manifesto do Rio Negro”. Esse manifesto é um movimento cultural onde o artista e seus companheiros expõem os princípios do naturalismo integral, onde exaltam a natureza como algo que deve ser preservado e que a natureza possui um poder de vida muito forte, que é algo bom para a humanidade. É na natureza que o homem pode-se encontrar a si próprio.

No manifesto, Pierre Restany diz que o movimento do naturalismo é algo oposto ao movimento realista, o realismo é como a sociedade se encontra nos dias de hoje, o realismo

para ele é a “a metáfora do poder”, um exemplo disse seria a sociedade de consumo capitalista expressada pela pop-art, onde o poder (no caso o dinheiro gerado pelo consumo) é o que move a arte. O naturalismo integral, de acordo com o Manifesto do Rio Negro, traduz uma maior abertura de consciência, “uma plena disponibilidade para a mensagem direta e espontânea dos dados imediatos da consciência”, algo próximo do que seria o “retorno as coisas mesmas” que Maurice Merleau-Ponty aponta.

O naturalismo assim concebido implica não somente maior disciplina da percepção, mas também maior na abertura humana. No final das contas a natureza é, e ela nos ultrapassa dentro da percepção de sua própria duração. Porém, no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade. O naturalismo assim concebido implica não somente maior disciplina da percepção, mas também maior na abertura humana. No final das contas a natureza é, e ela nos ultrapassa dentro da percepção de sua própria duração. Porém, no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade. (PIERRE RESTANY, 1978).

O Manifesto trata da arte do século XX, como arte realista manipulada pela "tirania do objeto", mas a arte deve ser formada pela estrutura da percepção, uma “expressão da consciência planetária”, e é nisso que se baseia o naturalismo, deve ocorrer um processo de desmaterialização do objeto na arte, onde o significado das coisas estivesse ligado ao seu papel natural no mundo, não a um objeto de consumo. A natureza deve ser tratada de forma harmônica, tanto a natureza natural, aquela concedida pelo planeta, quanto à natureza que foi modificada pelo homem. O artista deve expor em suas obras essa relação de “harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana”, expor, a partir da vivência do artista, a realidade que ele observa e sente.

A maneira que encontrei de exprimir minha indignação foi transformar em arte os restos mortais da natureza que o homem violentou, levando as cinzas, arvores tornadas carvão, cipós retorcidos e raízes extirpadas de seus chãos às galerias e museus de arte do mundo. (VENTRELLA, Roseli e BORTOLOZZO, Silvia. pg, 48. 2006).

Para a construção de suas obras, Frans Krajcberg utiliza e manipula restos de vegetação morta, as raízes seculares, retorcidas, disformes, machucadas e os troncos queimados ou submersos nos rios por muito tempo são recolhidos e deslocados para seu atelier que se encontra em Nova Viçosa no sul da Bahia. Os troncos e objetos encontrados na natureza pelo artista tornam-se elementos que representam as reflexões sobre a relação natureza-homem a partir do que o artista passou em sua vida e seu olhar perante o mundo, a reformulação do significado e das antigas funções na natureza daqueles objetos é onde esta a representação da experiência vivida por Krajcberg. A relação dele com o ser humano na guerra e com a destruição do espaço permite a ele que ao retirar um objeto destruído da natureza, ele tenha a possibilidade de exprimir seus sentidos reformulando algo que já existe,

transformando os cipós, troncos e pedras em obras-manifestos, tentando assim expor ao mundo sua luta pela conscientização da necessidade de preservar o meio ambiente, como é possível notar em algumas obras que serão analisadas a seguir.



(Imagem 1 - Escultura de Frans Krajcberg da série Lianas, Sem Título)

Como se pode observar, nesta reprodução, a obra foi feita a partir de montagem-modelagem com madeiras naturais do que parece ser cipós, onde é possível perceber que há um entrelaçamento de maneira natural, algo que faz recordar as sombras que os cipós antes de serem queimados projetavam na natureza, seu crescimento natural em direção ao Sol remete a vontade de crescer da planta, que mesmo com dificuldade de espaço, deseja seguir verticalmente.

As cores, o degrade do marrom natural da planta e o preto ao ser calcinada, até um tom mais vermelho-alaranjado, restituídas pela utilização de pigmentos encontrados nas plantas, como por exemplo, o pigmento extraído do Urucum que possui o tom avermelhado, e o preto do carvão relaciona o artista com o ambiente e o homem. As cores utilizadas lembram uma chama, o que pode ser visto como uma crítica pois o fogo foi o que destruiu aqueles elementos que constituem a obra fazendo com que seja possível observar a sensação de

agonia no movimento causado pela destruição e agora é mostrado como parte da novo papel do objeto naquele espaço que foi levado. A lembrança da presença do fogo remete a experiência do artista com o espaço de onde foi retirado os cipós e com a pulsação em exprimir a revolta contra a destruição das florestas. Mas será que essa dor que o artista tenta expor em sua obra consegue atuar perante seu objetivo, que seria o pensamento de preservação ambiental?

A retirada da obra do atelier e a recolocação em uma praia faz com que a sensação de agonia e de contorção gerada pelo movimento moldado pelo artista na obra é atenuada, o ambiente natural de calma faz com que a figura em primeiro plano, a escultura, seja destacada e se sobreponha em relação ao espaço inserido. Um incômodo aparente é possível ser sentido quando se vê algo diferente, a praia paradisíaca é invadida por uma escultura com um formato instigante. É possível ter então um pensamento do motivo daquilo estar ali?

Além disso, ao procurar o significado da palavra que nomeia a série da onde a obra foi tirada, “Lianas”, é possível encontrar a definição desse nome como do grupo das plantas que germinam no solo, mantêm-se enraizadas no solo durante toda a sua vida e necessitam de um suporte para manterem-se eretas e crescerem em direção à luz do Sol. As lianas são trepadeiras lenhosas, são capazes de produzir madeira como tecido de suporte dos seus caules, que são recobertos por uma camada espessa de casca e mantêm acima do solo o crescimento vegetativo. (PUTZ, 2011).



(Imagem 2 - Obra de Frans Krajcberg no Jardim Botânico de Curitiba, 2003).

Percebe-se que se trata de uma obra de grande porte e composta por diversos elementos. Sua base é feita por pedras e pedaços de carvão, há a presença de troncos queimados servindo como suporte para os galhos que foram moldados pelo artista para terem aparentemente um formato semelhante aos galhos das árvores encontradas na Floresta Amazônica, local de inspiração do artista. Há também cabaças colocadas nas partes superiores da obra de vários formatos.

Ao observar essa imagem é possível notar a presença de troncos finos e cipós reunidos, entrelaçados e posicionados quatro em cada ponta e um no meio. Os das pontas se entrelaçam entre si e depois com o do meio, o que faz com que mesmo aqueles que estão afastados acabem se encontrando em um ponto central. A reunião de vários elementos remete a o que pode ser lembrado como uma floresta devido a esse encontro das peças. O movimento leva os galhos ao centro da obra.

A presença de algo que se assemelha a frutos nos topos dos cipós, e o que isso pode significar? Será que pode representar a vida? Pode-se analisar que a vida na natureza sempre se renova, as plantas geram os frutos que um dia se tornaram plantas adultas. Na escultura os frutos demonstram que há vida onde há destruição. As cores escuras observadas nas bases

lembram as cinzas e as queimadas, conforme as cores vão clareando é possível pensar que há o aparecimento de vida, a vida não foi totalmente destruída. O chão repleto de pedras e pedaços de carvão pode ser visto como a morte do solo e os botões nos topos representa o ciclo da vida, que onde havia vida haverá várias outras novas, mesmo onde o solo não é mais propício a isso, pois elas estão acima da destruição. Vida e morte se entrelaçam na obra, tal como os galhos se entrelaçam.



(Imagem 3 - Obra de Frans Krajcberg, *Bois calcinés & mineral*, 1989 - 1990 - Escultura da série Madeiras Calcinadas)

Essa imagem mostra um conjunto de esculturas feitas a partir de troncos queimados, posicionados aparentemente em forma de círculo. Cada escultura que compõe o conjunto possui um formato diferente, o que leva a pensar que houve também um processo de criação diferente para cada uma. São troncos moldados tanto de forma mais achatada e de formas mais circulares.

Por que Krajcberg montou esse conjunto nesse formato? As cores que compõem o conjunto assemelham-se a cores que as árvores queimadas possuem em seus ambientes naturais, cores escuras. Há uma modelagem feita pelo artista para que os detalhes, onde há exposta a parte interna do tronco, mostre a destruição pelo qual os objetos passaram.

Será que os objetos nessa obra podem ser associados aos seres humanos mortos na guerra? Sem dúvidas a destruição faz parte das obras do artista, o contato com a morte dos seres humanos na guerra e sua indignação com a destruição das florestas feita pelo homem é o que aparentemente move a inspiração do artista em suas obras. Os variados formatos podem ser analisados como a diversidade de plantas que são destruídas, cada formato pode representar algo diferente e que todos juntos constituem um espaço. A biodiversidade encontrada na natureza pode ser reencontrada na destruição.

Para além do pensamento de destruição, as obras de Frans Krajcberg são modelagens que tentam transformar destruição em arte e mostrar que há algo para se notar onde havia apenas destruição. O artista tenta chamar a atenção daqueles que observam suas obras para refletir sobre como é feito aquele objeto e porque foi colocado daquela forma. O artista deseja que seu observador reflita sobre a obra. Mas será que isso é alcançado?



(Imagem 4 - Obra de Frans Krajcberg, nomeada *Flor do Mangue*, Exposta no MAM)

Essa imagem mostra a escultura *Flor do Mangue* é uma escultura de grande porte, mede 12 metros de largura e 8 metros de altura. É uma escultura que possui poucos elementos compondo-a, ao contrário das outras. Possui um formato que se assemelha à uma raiz, e algumas cabaças saindo do que pode ser visto como tronco da escultura.

Analisando o formato da imagem pode-se associá-la a uma raiz. O que é uma raiz? Na natureza é pela raiz que a planta obtém alimento e é ela que faz a planta crescer, sendo então a base da vida. Krajcberg diz que em seus materiais ele vê a vida não a agonia, a vida é o que o artista mais admira e não consegue suportar a destruição dela.

Na base da escultura há areia, o que remete ao local que foi criada a escultura, o ambiente natural, que é diferente do local que está inserida, o museu. O que causa reflexões sobre como foi feita a colocação da obra nesse novo local. Seu porte grande possibilita pensar que o espaço que se encontrar não é o local que foi criada, entretanto ao ser posta em um ambiente diferente causa reflexões sobre a natureza.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos próximos do completo esgotamento dos nossos recursos naturais. Precisamos urgentemente distinguir o uso do abuso, a exploração da espoliação, a conservação da devastação. Só assim os recursos naturais poderão continuar sendo usados pelo homem. (VENTRELLA, Roseli e BORTOLOZZO, Silvia. pg.71. 2006).

Frans Krajcberg, após passar por muitas coisas ruins na vida, toma consciência do mundo em que está inserido e, com isso, conclui que precisava fazer algo para deter tanta destruição que o cercava. Encontra na natureza seu refugio, nela há vida e beleza, há a presença de muitas formas de vida. E é nesse espaço que o artista encontra sua maneira de gritar ao mundo o que ele passa (e passou), o que ele vê e sente.

Suas esculturas tentam expor a vivência do artista, dando novos significados aos objetos, seus sentimentos são expostos sem se relacionarem com o que pode ser dito como função real daqueles objetos. O que antes era um tronco, na mão dele passa a ser objeto de trabalho, a experiência do artista faz com que os objetos se tornem novos objetos, com novas utilidades. O pensamento fenomenológico de Maurice Merleau-Ponty sobre o “retorno às coisas mesmas” é possível ser observado no processo de criação do artista, ao mesmo tempo em que Frans Krajcberg se vê presente no mundo, sendo o local em que possui a vivência, ele se desprende do mundo para expor nas suas obras seus sentimentos. Seu corpo, suas mãos, seus olhos, expõem o mundo sensível do artista.

A destruição causada pelo homem é fruto de uma evolução tecnológica acelerada e um crescimento populacional descontrolado. A busca insaciável de meio de produzir mais gerou a utilização exagerada dos recursos naturais, e assim as florestas foram cada vez mais destruídas. O local que deveria ser visto pela sociedade como berço de vida começou a ser visto como local de extração de matérias-primas para a manutenção da vida humana nos grandes centros urbanos. Em meio a essa destruição, a arte, de maneira geral, acabou acompanhando o modelo da sociedade, as obras eram objetos de comércio, eram feitas de acordo com o que a sociedade necessitava. De fato, havia uma crítica social nessas obras, porém a relação com o meio ambiente era, na maioria das vezes, esquecida. Frans Krajcberg via, em meio a essa sociedade, uma necessidade de expor para o mundo o que deveriam perceber e não percebiam, expor a destruição da natureza.

Gostaria muito que os homens reconhecessem as árvores, os animais, as areias como sendo nossa cultura. Que cada momento da vida fosse preenchido com o

enriquecimento e o embelezamento da natureza. (VENTRELLA, Roseli e BORTOLOZZO, Silvia. pg.71. 2006).

A natureza, para Frans Krajcberg, deveria ser notada pelo homem moderno, deveria chamar atenção, deixar de ser notada apenas como objeto de exploração. E, junto com seu amor pela natureza e a revolta pelo desacato da relação da sociedade com a natureza, ele cria suas obras. Esculturas, fotografias, quadros, tentam por a vista do mundo o que ocorre nas florestas e ninguém percebe. Os objetos destruídos se tornam meios de criação e recolocação dos objetos. Como foi analisado no capítulo anterior, suas obras geram inúmeras interpretações e muitos detalhes para serem pensados.

Suas obras mostram mais que destruição, mostram, na verdade, o que está sendo destruído e mostram a possível existência de vida onde não teria mais. Krajcberg espera que seus observadores indaguem o que estão vendo, se perguntem por que aquilo está daquele jeito ou por que aquilo está ali. Mas será que o artista consegue se fazer entender?

A repercussão de suas obras pelo mundo, a participação na Eco-92 e suas inúmeras exposições mostram que o artista consegue algo com suas obras, seja o choque pela magnitude de suas esculturas, seja pela sensação de dor por ver objetos semelhantes a objetos encontrados na natureza aparentemente destruídos, o que importa é que Krajcberg consegue chamar atenção para algo que antes não era percebido.

Ao conseguir fazer com que as pessoas notem suas obras, a consciência da existência da destruição do ambiente natural pode ser alcançada. Talvez, com a observação da tentativa de grito do artista, as pessoas possam refletir sobre como vivem e como se relacionam com o espaço que estão inseridas. E assim poderiam alcançar um pensamento de que há uma necessidade de mudar seus atos em relação à natureza.

De fato, a ideia de que é necessário uma preservação do meio ambiente já passa pela mente de grande parte da população durante o século XX, o pensamento de que pode acontecer um esgotamento dos recursos ou até mesmo a destruição total da Terra fez com que a sociedade começasse a necessitar de ideias “verdes”, opções que contornariam a situação que a própria sociedade deixou acontecer sem controle algum. Mas o que gera o possível ideal das obras de Frans Krajcberg também gera sua imposição. O artista não vê suas obras como objetos de folhetagem sobre preservação do meio ambiente, o artista diz que seu trabalho é a revolta dele revolta, o grito contra a barbárie que o homem pratica (FRANS KRAJCBERG,

2008<sup>2</sup>). Se as obras dele forem utilizadas como obras de propaganda, a sua ideologia é quebrada, a relação com o consumo descontrolado acaba sendo contraposta, pois as obras se tornariam objetos de consumo. Há então uma dificuldade na colocação das obras de Krajcberg no mundo.

Krajcberg, portanto, é um artista da natureza. Ela é seu lar, seu desejo de colocar a amostra sua revolta é passado para a sociedade com mais força, cada vez mais, a tecnologia que é a maior causa da destruição ambiental, é utilizada para mostrar ao mundo as obras dele. Seu atelier e suas obras são conhecidos mundialmente, sua ideologia de preservação é possivelmente alcançada. Mas será apenas isso o que o artista deseja?

Será que o artista consegue realmente expor seu grito de revolta? Ao se observar as obras de FransKrajcberg não basta pensar em no que ele quer significar, tem que refletir sobre o que compõem aquele objeto e por que. Ele não pode ser visto como um artista fácil de compreender e talvez, devido a isso, seus objetivos, sua vontade de mostrar a vida e não a destruição podem não alcançar a todos os seus observadores.

Krajcberg, apesar de sua idade avançada (em 2013 ele completará 92 anos), não desiste de sua luta. Trinta e cinco anos após a publicação do “Manifesto do Rio Negro”, lançará em Janeiro de 2013 o livro “Novo Manifesto do Naturalismo” em parceria com Claude Mollard. De acordo com uma entrevista feita com Claude Mollard para o jornal “O Globo” no dia 10 de dezembro de 2012, o novo manifesto, diz ele, “trata-se de um grito de alerta mais radical e protestatário, um chamado para as opiniões públicas.”. Tal como o manifesto, anterior preza a relação harmoniosa da sociedade com a natureza, e, além disso, convida os artistas de maneira geral a entrar nesse manifesto naturalista, expor mais na arte o trabalho com a natureza para que o pensamento de preservação ambiental se expanda.

A luta pela conscientização de que há necessidade em se preservar a natureza e viver junto com ela é algo que move o artista até hoje, a natureza é algo importante não apenas para o artista, mas para todos os seres humanos, pois é a partir da natureza que há vida e a vida é algo que deve ser preservada. As obras de Frans Krajcberg geram outra percepção sob os objetos que estão ali, essa nova percepção, para o artista, é o que deve ser mostrada ao mundo, a existência da vida que deve ser mantida. A arte, de maneira geral, deve expor para o mundo algo que possibilite uma reaprendizagem sob o olhar, para que os objetos que constituem o

---

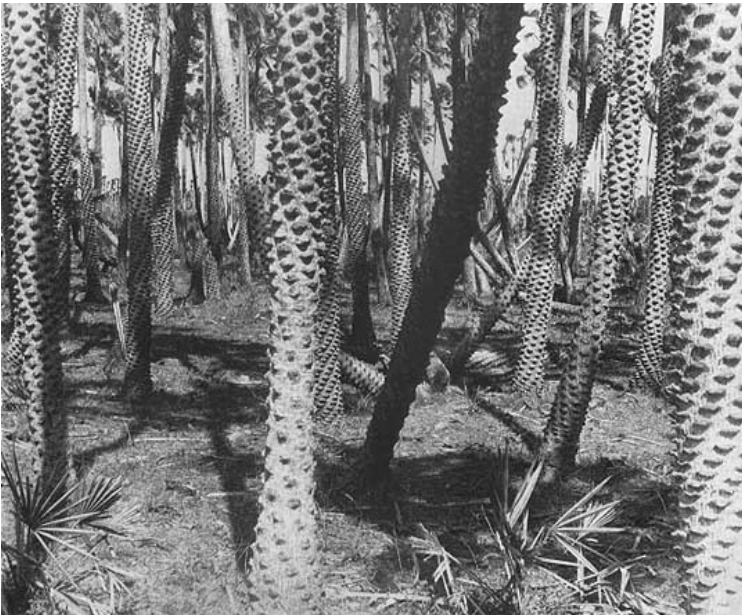
<sup>2</sup> Em entrevista realizada por Maria Hirszman para o jornal O Estadão de S.Paulo, 2008. Disponível no site <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,meu-trabalho-e-um-grito-contra-a-barbarie,264057,0.htm>>

planeta sejam tratados de forma que sejam valorizados e não explorados sem limitações pelo homem.

## ANEXOS

- ALGUMAS OBRAS DE FRANS KRAJCBERG:

ANEXO 1: *Piauí, forêt de Babaçu* - Fotografia da série Naturezas



ANEXO 2: [Sem Título] - Fotografia da série Naturezas



ANEXO 3: [Sem Título] - Fotografia da série Revoltas



ANEXO 4: [Sem Título] - Fotografia da série Revoltas



ANEXO 5: *Palmiers(haut.30)* - Escultura da série Totem



ANEXO 6: [Sem Título] Escultura da série Totem



ANEXO 7: *Sem Título* - Escultura da série Troncos Escultados



ANEXO 8: *Sem Título* - Escultura da série Lianas



## REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

FRANCASTEL, Pierra. **Imagem, Visão e Imaginação**. São Paulo: Ed. Livraria Martins Fontes, 1995.

KRAJCBERG, Frans. Em entrevista realizada por HIRSZMAN, Maria. "**Meu trabalho é um grito contra a barbárie**". 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,meu-trabalho-e-um-grito-contr-a-barbarie,264057,0.htm>. acessado em: 15 de dezembro de 2012.

KRAJCBERG, Frans. **Natura**. São Paulo: Moderno MAM, 2008.

LIMA e SILVA, P.P et al. **Dicionário brasileiro de ciências ambientais**. Rio de Janeiro. Thex Editora. 1999.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS,Joel e FARINHA, Maria Fernanda S. e DICHEKENIAN, Beirão. **TEMAS FUNDAMENTAIS DE FENOMENOLOGIA**. São Paulo: Ed.Moraes, 1984

MOTA, Pedro. **De Husserl a Merleau-Ponty e Mikel Dufrenne: Fenomenologia e Estética - Reflexão Crítica**. Porto: Ed. Ecopy, 2006.

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. São Paulo: Ed. Vozes, 2011 (Serie Compreender).

KRAJCBERG, Frans. Em entrevista realizada por MILANEZ, Felipe e RIBEIRO, Ronaldo. **Frans Krajcberg: natureza inquieta**. 2009 Disponível em <<http://planetasustentavel.abril.com.br>>. Acesso em: 30 de novembro de 2011.

KRAJCBERG, Frans. [**Sem Título**]. Altura: 395 pixels. Largura: 400 pixels. Formato JPG. Disponível em: <[www.frans-krajcberg.com](http://www.frans-krajcberg.com)>. Acesso em: 15/08/2012

KRAJCBERG, Frans. [**Sem Título**]. Altura: 594 pixels. Largura: 445 pixels. Formato JPG. Disponível em: <<http://mubevirtual.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/06/P1010070-1024x766.jpg>>. Acesso em: 10/11/2012

KRAJCBERG, Frans. **Bois calcinés & mineral**. Altura: 475 pixels. Largura: 198 pixels. Formato JPG. Disponível em: <<http://blogs.mediapart.fr/blog/dianne/010712/frans-krajcberg-le-naturalisme-integral>> Acesso em: 03/12/2012

KRAJCBERG, Frans. **Flor do Manguê**. Altura: 100 pixels. Largura: 67 pixels. Formato JPG. Disponível em: <[http://www.expomus.com.br/projetos/img/tb/2\\_1258475741.jpg](http://www.expomus.com.br/projetos/img/tb/2_1258475741.jpg)>. Acesso em: 20/11/2012

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. (versão traduzida) Livraria Freitas Bastos, 1945.

PONTY, Maurice Merleau. **O Olho e o Espírito**. (versão traduzida) Ed. Cosac Naify, 2004.

PUTZ, Francis E., **Ecologia das trepadeiras**. ECOLOGIA.INFO 24, 2011. Disponível em <<http://www.ecologia.info/trepadeiras.htm>>. Acesso em: 12 de junho de 2012.

RESTANY, Pierre. **O Manifesto do Rio Negro**. 1978. Disponível em: <<http://www.frans-krajcberg.com/fkmanifestoportugues.html>>. Acessado em: 12 de dezembro de 2012

RODRIGUES, Cristina. **Frans Krajcberg: o intérprete da natureza**. Rio de Janeiro: Ed. Maanaim, 2002.

VENTRELLA, Roseli e BORTOLOZZO, Silvia. **Frans Krajcberg: arte e meio ambiente**. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Ed. Autores Associados. 2001